

# ANDRÉ TANIKI YANOMAMI SER IMAGEM

**Texto da exposição  
em fonte ampliada**

**Português**

**MASP**

MUSEU DE ARTE  
DE SÃO PAULO  
ASSIS CHATEAUBRIAND



Lei de  
Incentivo  
à Cultura  
Lei Rouanet



MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
BRASIL  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



# SUMÁRIO

Texto de abertura.....p.11

Mapa do espaço expositivo.....p.15

## Parede A

Mapa da Parede A.....p.16

Texto de Núcleo: Peles de papel.....p.17

Mapa da Parede A, Grupo 1.....p.19

***Sem título***, 1977.....p.19

Mapa da Parede A, Grupo 2.....p.21

***Sem título***, 1977.....p.21

Mapa da Parede A, Grupo 3.....p.23

***Sem título***, 1977.....p.23

Mapa da Parede A, Grupo 4.....p.25

***Sem título***, 1977.....p.25

Mapa da Parede A, Grupo 5.....p.27

***Sem título***, 1977.....p.27

Mapa da Parede A, Grupo 6.....p.29

***Sem título***, 1977.....p.29

Mapa da Parede A, Grupo 7.....p.32

***Sem título***, 1977.....p.32

**Sem título, 1976.....p.32**

**Texto de Núcleo: Ser imagem.....p.34**

## **Vitrine**

**Mapa da Vitrine.....p.36**

**Carta de Claudia Andujar a Pietro Maria Bardi,  
11.9.1976.....p.37**

**Carta de Carlo Zacquini, Tullio Martinelli,  
Loretta Brodoloni e Roberto Brodoloni a  
Pietro Maria Bardi, 25.12.1978.....p.37**

**Sem título, 1975.....p.38**

**Maternidade, 1977.....p.39**

***Maternidade*, c. 1977** ..... p.39

***Mitopoemas Yānomam, Claudia Andujar e Pietro Maria Bardi, orgs., Olivetti do Brasil, São Paulo, 1978*** ..... p.40

***Claudia Andujar: a luta yanomami, Thyago Nogueira, org., catálogo de exposição, Instituto Moreira Salles — IMS, São Paulo, 2018*** ..... p.40

***Claudia Andujar: a luta yanomami, Thyago Nogueira, org., catálogo de exposição, Instituto Moreira Salles — IMS, São Paulo, 2018*** ..... p.41

***Yanomami, Claudia Andujar, DBA, São Paulo, 2018*** ..... p.41

**Anotações feitas por Claudia Andujar e  
Carlo Zacquini sobre as apresentações de  
André Taniki Yanomami no verso de um de  
seus desenhos, fac-símile, 1976.....p.42**

**André Taniki Yanomami desenhando na  
aldeia de Hewë nahipi, 1976.....p.43**

***André Taniki Yanomami, Adriano Pedrosa e  
Mateus Nunes, orgs., catálogo da exposição,  
MASP, São Paulo, 2025.....p.43***

***Arte em São Paulo, n. 5, São Paulo, março,  
1982.....p.44***

***Histoires de voir, Hervé Chandès, org.,  
catálogo de exposição, Fondation Cartier pour  
l'art contemporain, Paris, 2012.....p.44***

***Histórias mestiças, Adriano Pedrosa e Lilia Moritz Schwartz, orgs., catálogo da exposição, Instituto Tomie Ohtake/Cobogó, São Paulo/Rio de Janeiro, 2015.....p.45***

***O espírito da floresta, Bruce Albert e Davi Kopenawa, Companhia das Letras, São Paulo, 2023.....p.45***

***Claudia Andujar: a luta yanomami, Thyago Nogueira, org., catálogo de exposição, Instituto Moreira Salles — IMS, São Paulo, 2018.....p.45***

***As formas do visível: uma antropologia da figuração, Philippe Descola, Editora 34, São Paulo, 2023.....p.46***

*Les Citoyens: uno sguardo di Guillermo Kuitca sulla collezione della Fondation Cartier pour l'art contemporain, Guillermo Kuitca, org., catálogo da exposição, Fondation Cartier pour l'art contemporain/ Triennale Milano, Paris/ Milão, 2021.....p.46*

*Histórias indígenas, Adriano Pedrosa e Guilherme Giufrida, orgs., catálogo da exposição, MASP, São Paulo, 2023.....p.46*

*Biennale Arte 2024: Stranieri Ovunque / Foreigners Everywhere. Catalogo della 60 Esposizione Internazionale d'Arte / Catalogue of the 60th International Art Exhibition, Adriano Pedrosa, org., catálogo da exposição, Silvana Editoriale, Milão, 2024.....p.47*

**André Taniki Yanomami, Adriano Pedrosa e  
Mateus Nunes, orgs., catálogo da exposição,  
MASP, São Paulo, 2025.....p.47**

## **Parede B**

**Texto de Núcleo: Vibrações xamânicas.....p.48**

**Mapa da Parede B.....p.49**

**Sem título, 1978 — Cinza.....p.50**

**Sem título, 1978 — Preto.....p.50**

**Sem título, 1978 — Branco.....p.50**

# André Taniki Yanomami: Ser imagem

André Taniki Yanomami nasceu por volta de 1945 na aldeia Okorasipëki, nas cabeceiras do rio Lobo d'Almada, na Terra Indígena Yanomami, em Roraima. Taniki, além de artista, é xamã, um mediador entre o mundo humano e o mundo espiritual em culturas indígenas e tradicionais, capaz de comunicar-se com espíritos, curar e equilibrar forças visíveis e invisíveis por meio de rituais, cantos e transes. Entre 1976 e 1985, Taniki desenvolveu um conjunto de desenhos em diálogo com uma artista, um antropólogo e missionários. Esta exposição é a primeira dedicada inteiramente à sua obra e reúne 121 desenhos realizados em dois momentos: nas trocas com a fotógrafa suíço-brasileira Claudia Andujar, em 1976–77, e nos encontros com o antropólogo francês Bruce Albert, em 1978, nas aldeias onde o artista-xamã vivia.

Nos desenhos de 1976–77, Taniki criou cenas da visão de mundo yanomami e de rituais funerários que ocorriam na sua comunidade. Esses desenhos, expostos nesta parede, foram realizados em cores já utilizadas pelos Yanomami nas pinturas corporais e cestarias, como preto, roxo e vermelho. No ano seguinte, em diálogo com Albert, Taniki produziu os desenhos expostos na parede oposta a essa, registrando suas visões durante transes xamânicos em composições multicoloridas e vibrantes, com formas abstratas e geométricas. Eles demonstram como Taniki era estimulado espiritual e visualmente pelo poder da *yākoana*, pó psicoativo proveniente da casca de uma árvore amazônica. Similar à *ayahuasca*, é inalado pelos xamãs e alimenta os espíritos.

Na visão de mundo yanomami, a noção de imagem — *utupë* — não é apenas a

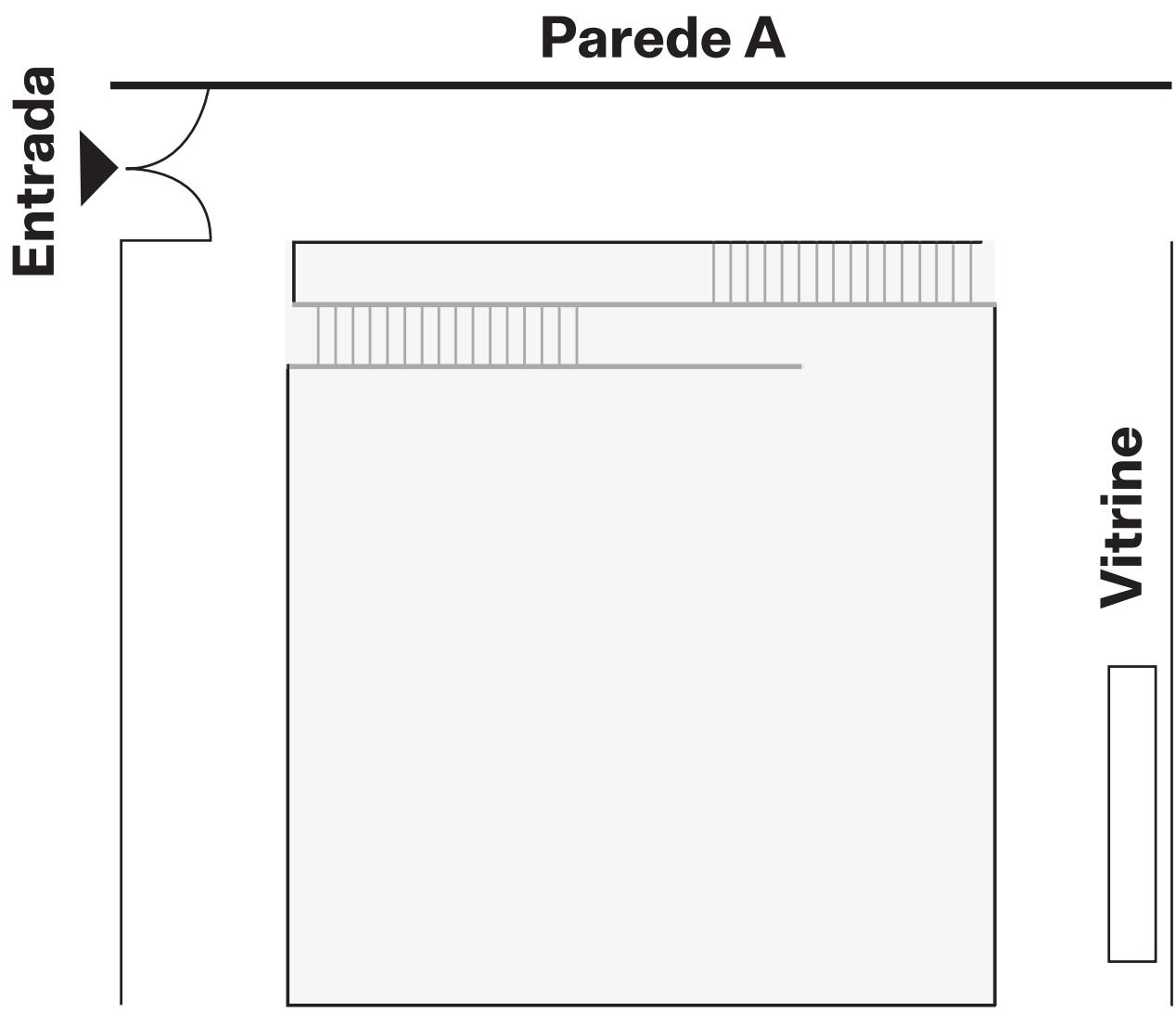
compreensão visível, mas também a essência interior que constitui o núcleo vital de todas as coisas. O título da exposição, *Ser imagem — Né utupë*, em yanomami, refere-se ao movimento espiritual que Taniki faz, nos rituais xamânicos, de deixar de ser apenas humano e conseguir existir em forma de imagem, assim como os espíritos. Até hoje, Taniki exerce em sua comunidade suas responsabilidades xamânicas, mediando relações entre os espíritos ancestrais e os Yanomami não xamãs. Do mesmo modo, embora não desenhe mais, suas obras continuam a atestar seu poder intermediador, tornando o invisível — as imagens-espíritos — visível — as imagens-desenhos.

*André Taniki Yanomami: Ser imagem* é curada por Adriano Pedrosa, diretor artístico, e Mateus Nunes, curador assistente, MASP. A exposição integra o ano dedicado às *Histórias da ecologia*

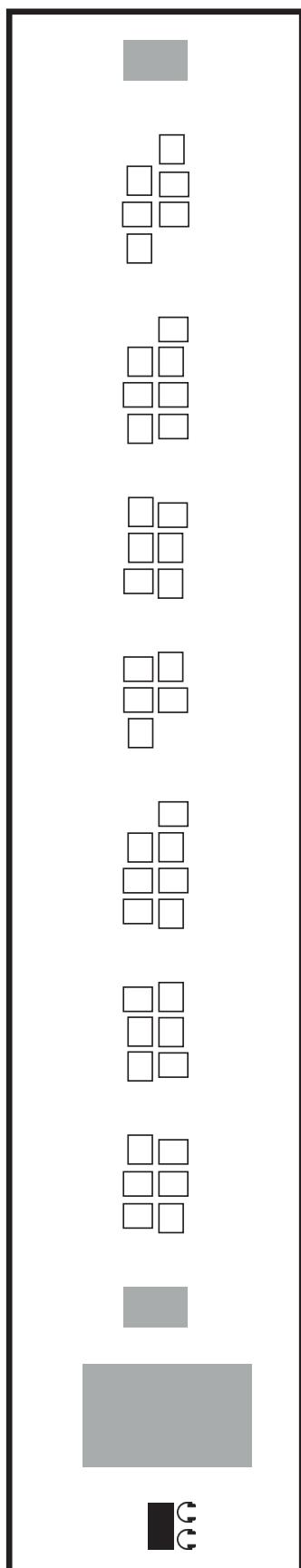
no Museu, que inclui monográficas de Abel Rodríguez—Mogaje Guihu, Clarissa Tossin, Claude Monet, Frans Kracjberg, Hulda Guzmán, Minerva Cuevas, do coletivo Movimento dos Atingidos por Barragens — MAB, e mos- tras na Sala de Vídeo de Emilija Škarnulytė, Inuk Silis Høegh, Janaina Wagner, Maya Watanabe, Tania Ximena e do projeto Vídeo nas Aldeias, além da coletiva *Histórias da ecologia*.

Desde 2019, o MASP conta com um grupo de trabalho de sustentabilidade e desenvolve ações como descarbonização, compra de energia renovável e um programa de gestão de resíduos — iniciativas que este ano se somam à programação de *Histórias da ecologia*. O novo edifício Pietro Maria Bardi também incorpora soluções sustentáveis, tendo conquistado a certificação Leadership in Energy and Environmental Design — LEED.

# Mapa do espaço expositivo



# Mapa da Parede A



## Texto de Núcleo: Peles de papel

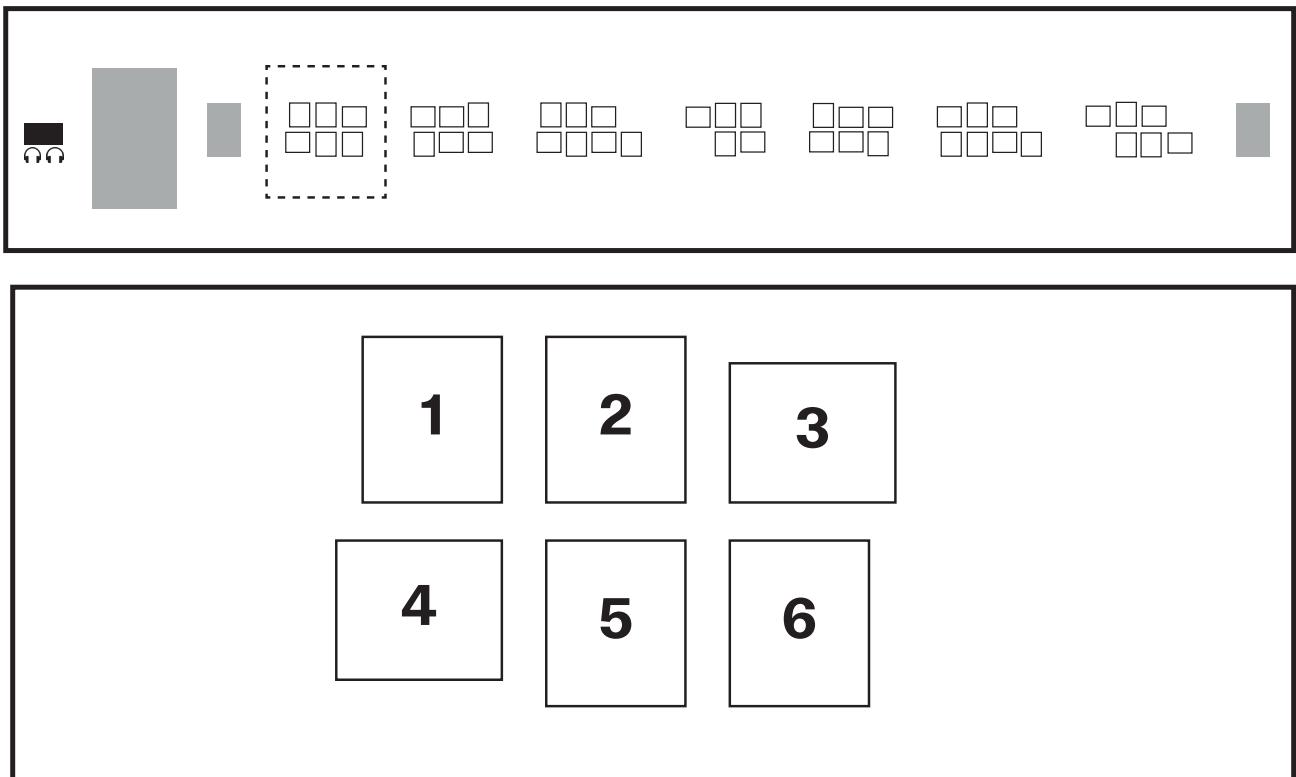
Taniki entrou em contato com o papel e a caneta pela primeira vez nas trocas com Claudia Andujar e Bruce Albert em meados da década de 1970. Para ele, até então, desenhar era um ato sobre o corpo: os Yanomami pintam suas peles principalmente para cerimônias. Taniki entende as folhas de papel em que desenha como “peles de papel”, um corpo que, antes do desenho, é desprovido de ornamento.

Boa parte de seus desenhos feitos em 1977, expostos nesta parede, descreve os ritos que sucederam à morte de Celina, esposa do chefe da aldeia de Taniki, que havia acabado de falecer. Depois de desenhar, comentava os desenhos por horas, demonstrando seu profundo conhecimento como xamã. Taniki buscava explicar para Andujar,

entre muitas outras coisas, o sofrimento dos parentes próximos, a importância da cremação dos ossos e a subida do espírito de Celina ao céu.

O artista não determinou, para nenhum de seus desenhos, uma orientação fixa: em vez de mostrá-los na vertical ou na horizontal, Taniki girava a folha de papel conforme apresentava e comentava o desenho. Nesta exposição, sugerimos formas de exibi-los que podem variar em outros contextos.

# PAREDE A, GRUPO 1



André Taniki Yanomami

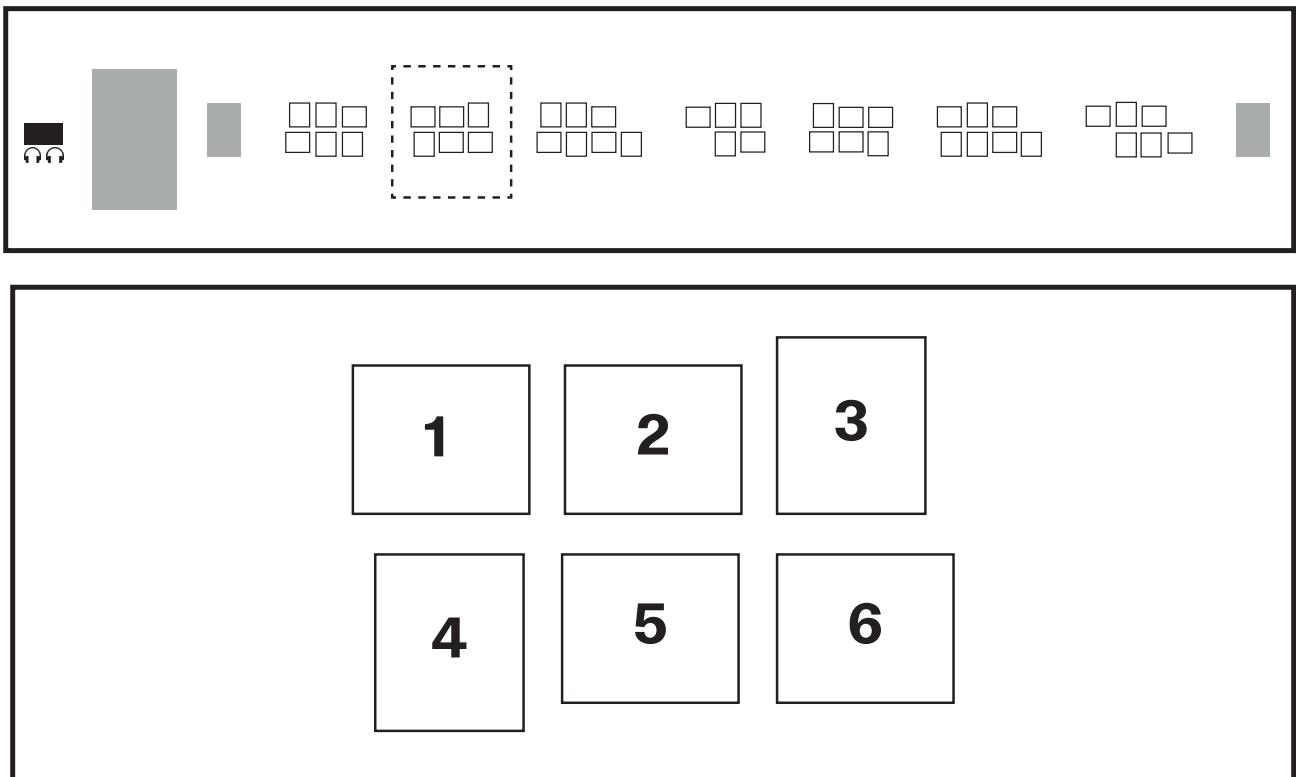
**1-6. *Sem título*, 1977**

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel

Coleção Claudia Andujar, São Paulo

Nesses desenhos, Taniki mostra que Celina foi morta por feiticeiros inimigos enquanto dormia — 1: aos poucos, a respiração se interrompe e a vida se esvai — 2 — até que ela morre. Seu corpo é embrulhado — 3-4, posto em um saco feito de fibras de palmeira e transportado nas costas para dentro da mata — 5, onde é revestido por ripas e suspenso em uma árvore — 6 — para decomposição. Após algumas semanas, os ossos são retirados, lavados e secos, e então levados às cerimônias de cremação.

# PAREDE A, GRUPO 2



**André Taniki Yanomami**

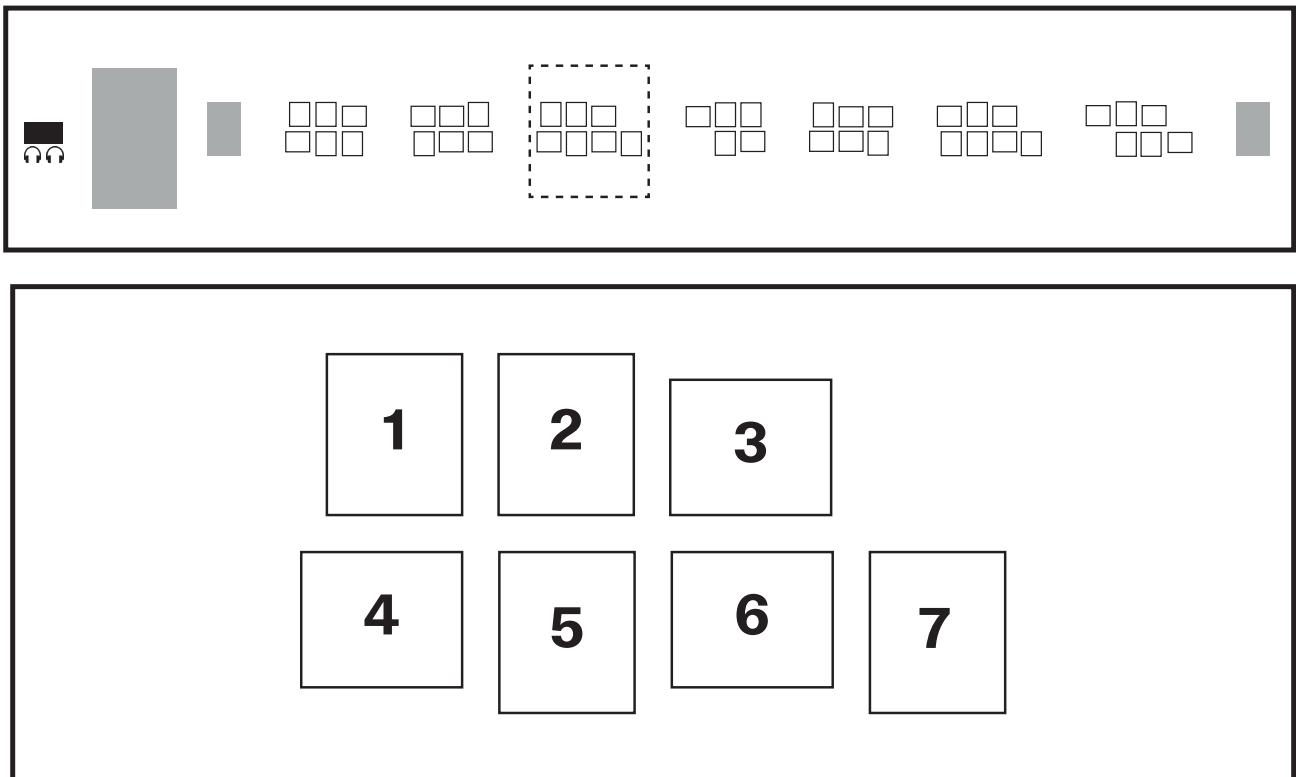
**1-6. *Sem título*, 1977**

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel

Coleção Claudia Andujar, São Paulo

As festas funerárias, chamadas pelos Yanomami de *reahu*, têm parte importante de seu caráter ceremonial centrada nas cinzas da pessoa falecida. Nesses desenhos, Taniki descreve o fogo aceso para cremar os ossos e dissipar a raiva, com muitas pessoas sentadas no mato e chorando enquanto os ossos são queimados — 1 e 5. Os ossos, depois de queimados, são moídos por parentes próximos em um pilão feito com um grande tronco cavado — 2. Então, as cinzas são guardadas em cabaças de diferentes tamanhos e selladas com cera de abelha — 3 e 6. Uma parte delas é enterrada de acordo com diversos protocolos ritualísticos — 4; outra é misturada a um mingau de banana e consumida por todos da aldeia; e uma terceira pode ser guardada para outras festas funerárias.

# PAREDE A, GRUPO 3



**André Taniki Yanomami**

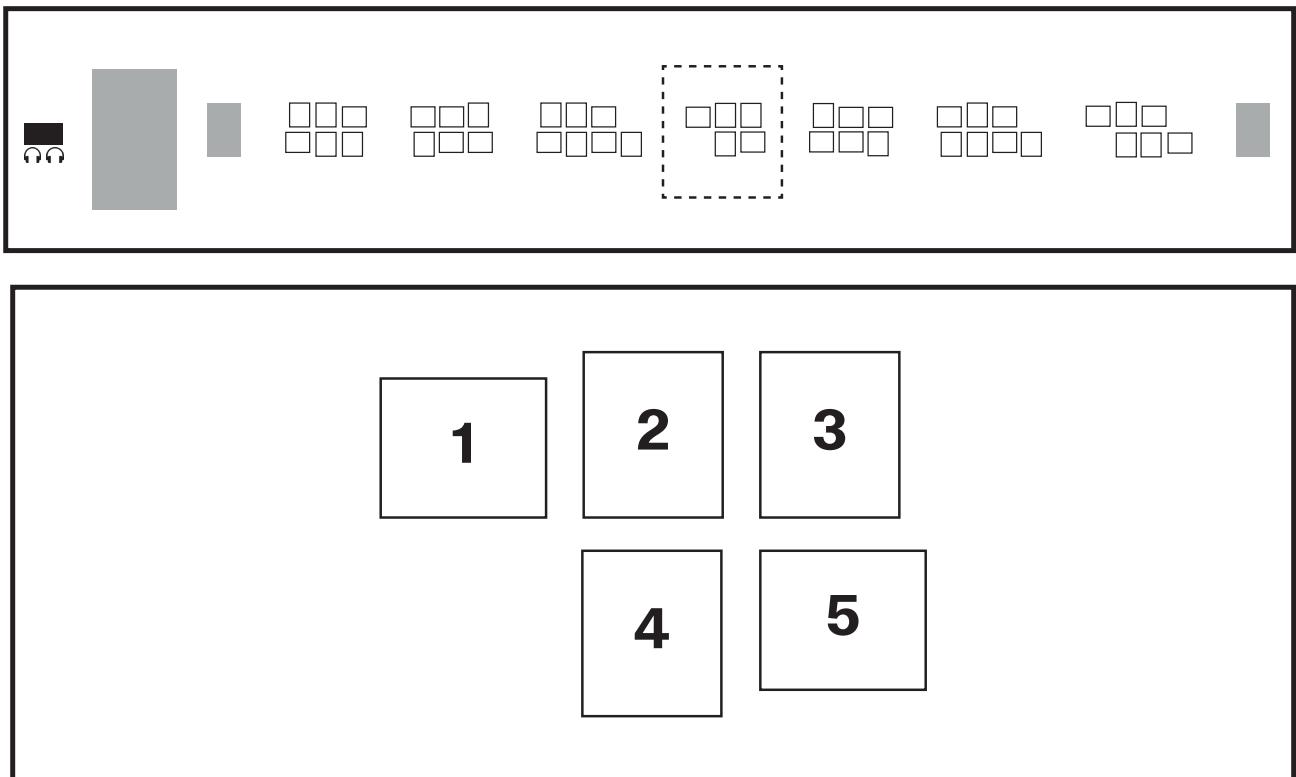
**1-7. *Sem título*, 1977**

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel

Coleção Claudia Andujar, São Paulo

Como xamã, Taniki consegue existir na mesma dimensão dos espíritos, dialogando, observando e negociando com eles. Nesse grupo de desenhos, o artista descreve a subida do espírito de Celina ao céu após sua morte — 1 e 5, aqueles que a enfeitiçaram — 2 — e sua recepção por outras entidades, como os espíritos-trovão, nesse plano — 6, além de todas as descidas espirituais e curas xamânicas envolvidas na morte de Celina — 3. Taniki também desenha cenas não vinculadas a Celina, como ataques de sucuris — 4 — e curas xamânicas — 7.

# PAREDE A, GRUPO 4



**André Taniki Yanomami**

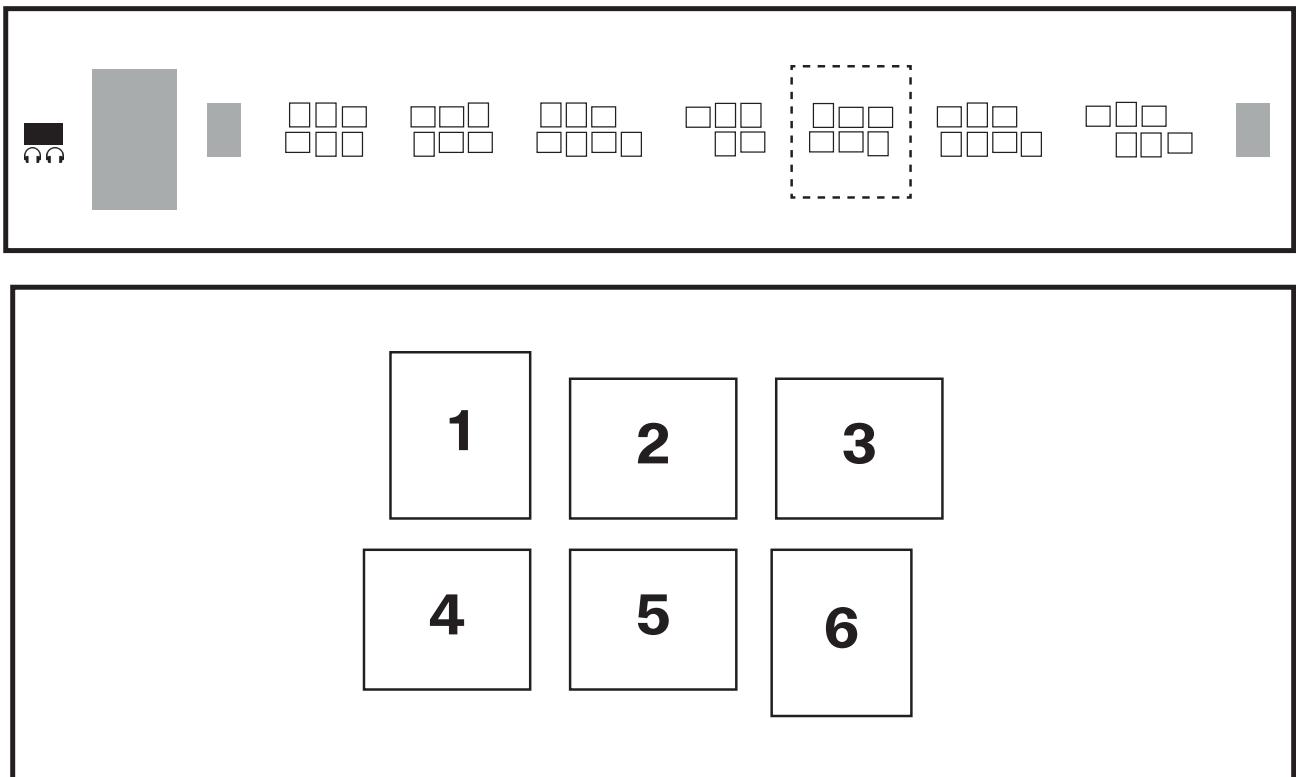
**1-5. *Sem título*, 1977**

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel

Coleção Claudia Andujar, São Paulo

Taniki desenvolveu um grupo de desenhos voltado a imagens de emoções e sentimentos relacionados à morte de Celina: em vez de expressá-los de modo figurativo, por meio da fisionomia de quem os sentia, o artista os representa principalmente em composições abstratas. Ele desenha as lembranças e a saudade que se estende por várias noites sem dormir — 1; o choro intenso pelo luto que se mistura a longos cantos — 2; o pranto que cerca o corpo até o dia amanhecer — 3; a raiva acumulada que se atenua gradualmente até desaparecer — 4; e a ira que se esvai enquanto se destroem todos os objetos que eram ligados à vida de Celina — 5.

# PAREDE A, GRUPO 5



**André Taniki Yanomami**

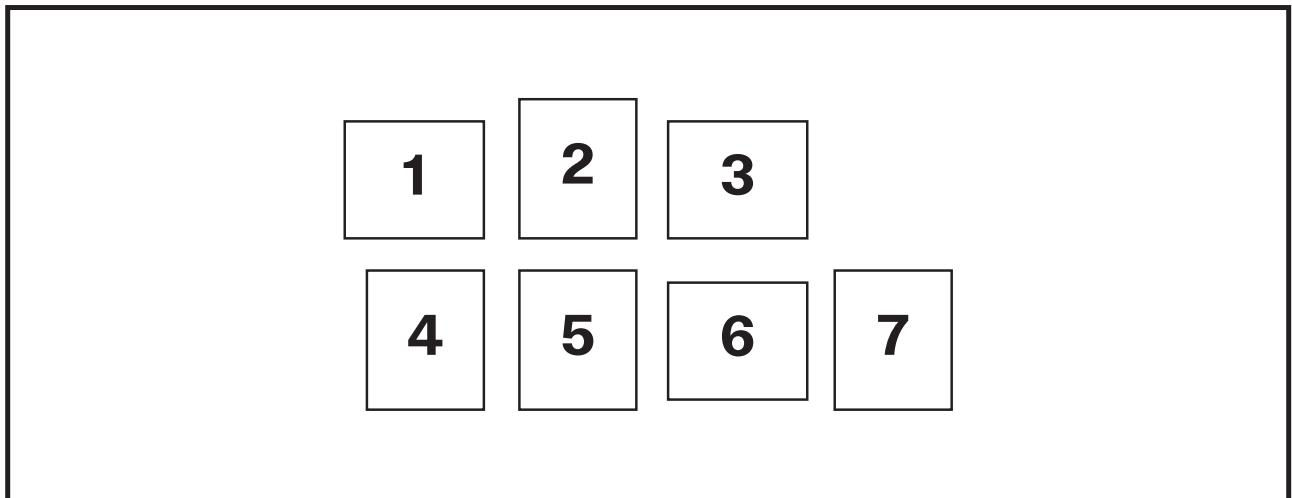
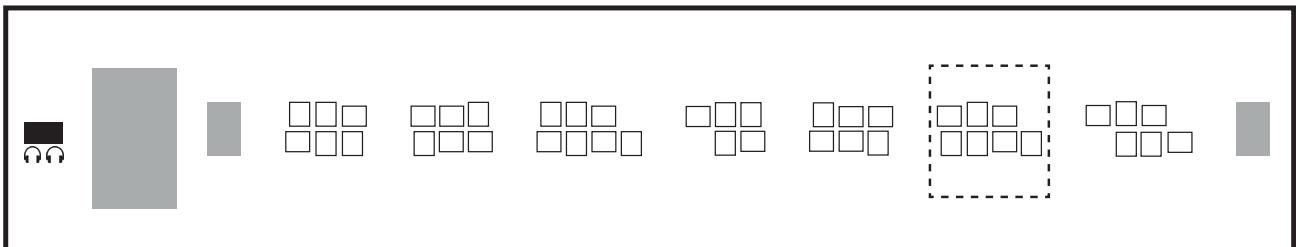
**1-6. *Sem título*, 1977**

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel

Coleção Claudia Andujar, São Paulo

O senso de comunidade estrutura todas as relações entre os Yanomami. Nesse conjunto de desenhos, Taniki desenha diversas interações que ocorrem no contexto das festas funerárias: as danças noturnas de homens e mulheres — 1; o consumo coletivo de *yākoana*, pó psicoativo feito a partir de cascas de uma árvore amazônica que incita o transe xamâmico e é considerado alimento para os espíritos — 2; os Yanomami deitados no chão sob o efeito da *yākoana* — 3; as danças em duplas dentro das malocas — 4; o choro coletivo em volta das cabaças com cinzas da pessoa falecida — 5; e a jornada de sete noites pela mata dos convidados das aldeias vizinhas no caminho de volta para casa após o *reahu* — 6.

# PAREDE A, GRUPO 6



**André Taniki Yanomami**

**1-7. *Sem título*, 1977**

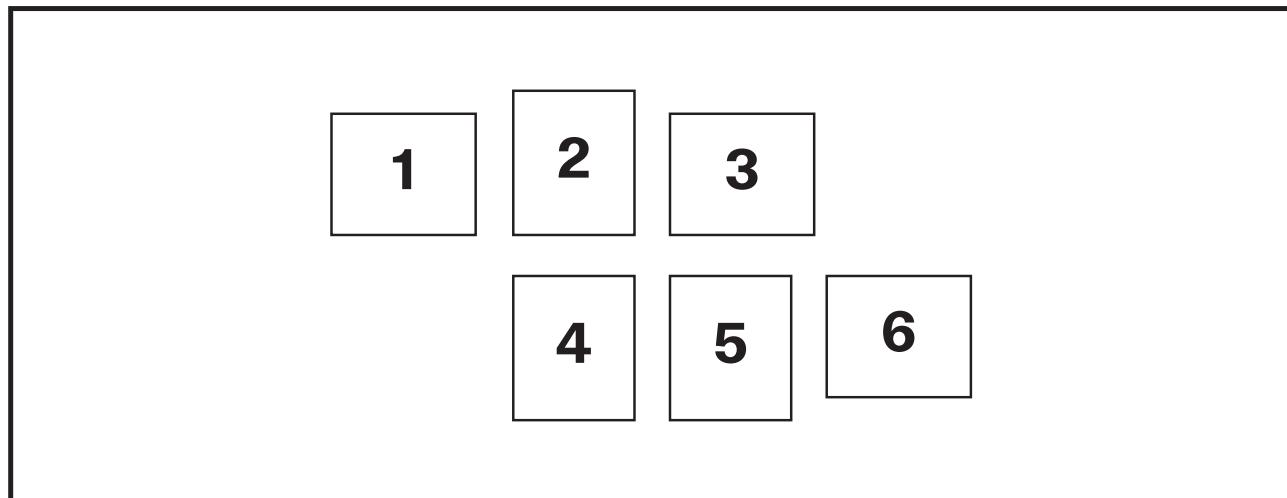
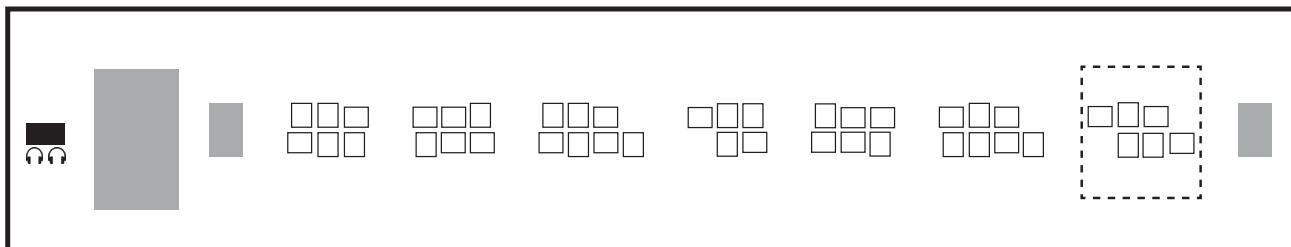
Tinta de caneta hidrográfica sobre papel

Coleção Claudia Andujar, São Paulo

A partilha da comida desempenha um papel importante nas festas funerárias yanomami. Antes das cerimônias, uma caça coletiva é realizada para alimentar os participantes com abundância. Taniki desenha várias etapas desse processo: os diversos fluxos que os caçadores percorrem — 4, a captura de um porco-do-mato, o transporte dos animais até cabanas na mata e os caminhos que trilham por dentro da floresta. As mulheres da comunidade ralam tapioca — 5 — para fazerem beijus — 1, consumidos durante a festa e distribuídos para que os convidados que moram em outras aldeias tenham alimento no caminho de volta — 2. Os Yanomami também fazem o moquém — 3 e 6, um processo de defumação de carne de caça que usa uma grelha de madeira e folhas de palmeira chamada de girau. Mingaus também são consumidos — 7, como um simbólico mingau de banana

em que se mistura parte das cinzas dos ossos da pessoa falecida, a ser consumido pelos membros da comunidade.

# PAREDE A, GRUPO 7



**André Taniki Yanomami**

**1-4. *Sem título*, 1977**

**5-6. *Sem título*, 1976**

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel

Coleção Claudia Andujar, São Paulo

Demonstrando seus profundos conhecimentos xamânicos, Taniki desenvolveu um conjunto de desenhos sobre o início do mundo e a organização do céu. O artista desenha os complexos caminhos dos espíritos primordiais no céu — 1; o espaço deserto que a tudo antecedia — 2 e 4; casas de certas entidades — 3; a vida das estrelas — 5; e o espírito-trovão com sua família em sua maloca no céu, cercado de cachos de bananas, répteis e espíritos de humanos mortos — 6.

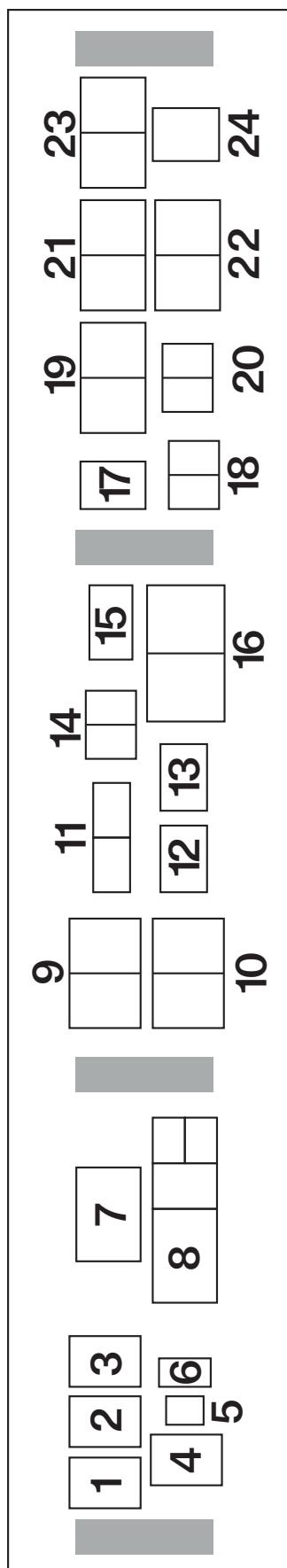
## Texto de Núcleo: Ser imagem

Na cosmologia yanomami, a noção de imagem — *utupẽ* — é a essência interior que constitui o núcleo vital de todo ser. A imagem, portanto, não é visível a todos. Trata-se de uma entidade do ser que pode ser vista apenas por xamãs e espíritos. Taniki, por ser xamã, consegue não somente acessar essas imagens-espíritos, como também atravessar dimensões espirituais e existir como imagem, para além do seu próprio corpo.

Ao ser *imagem* — em yanomami, *nẽ utupẽ*, Taniki é capaz de negociar e coabitar com espíritos ancestrais na mesma hierarquia, promovendo curas, transmitindo conhecimentos e mantendo a ordem cosmológica. Além disso, a partir desse entendimento da imagem, Taniki demonstra que todas as teorias que o pensamento

eurocêntrico construiu acerca desse conceito — principalmente na discussão artística — são obsoletas e limitadas.

# Mapa da Vitrine



## **1. Carta de Claudia Andujar a Pietro Maria Bardi, 11.9.1976**

Nessa carta, Andujar escreve a Bardi sobre sua estadia no Catrimani entre os Yanomami. A mencionada “falta de conhecimento da língua” foi um dos principais motivos para que sugerisse o desenho como instrumento de diálogo com diversos artistas Yanomami, como Taniki. À época, Andujar era supervisora do departamento de fotografia e ensino do MASP, e a causa Yanomami é o assunto principal de diversas outras correspondências que ela enviou a Bardi.

## **2-3. Carta de Carlo Zacquini, Tullio Martinelli, Loretta Brodoloni e Roberto Brodoloni a Pietro Maria Bardi, 25.12.1978**

A carta, enviada pelos membros da Missão Catrimani, relata novidades sobre os Yanomami da região. Entre elas, consta o nascimento de Kuriti, filho de Taniki e Konaïma. Taniki e Konaïma, casados até hoje, tiveram cinco filhos e 18 netos e vivem na aldeia de Kuremapi.

#### **4-6. Poraco Hi-ko Yanomami**

Aldeia Xihopi, rio Tootobi, Terra Indígena Yanomami, Amazonas, 1899 — Missão Catrimani, rio Catrimani, Terra Indígena Yanomami, Roraima, 1990

#### **4. Sem título, 1975**

Tinta de caneta esferográfica sobre papel  
Coleção Bruce Albert, Montevidéu

Este desenho foi feito por Poraco em uma página de caderno de anotações etnográficas do antropólogo Bruce Albert. O artista pretendia imitar, com certo sarcasmo, as notas manuscritas de Albert.

### **5. *Maternidade*, 1977**

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel  
Museu de Arte de São Paulo Assis  
Chateaubriand. Transferência do Centro de  
Pesquisa do Masp, 2025

### **6. *Maternidade*, c. 1977**

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel  
Museu de Arte de São Paulo Assis  
Chateaubriand. Transferência do Centro de  
Pesquisa do Masp, 2025

**7-8. *Mitopoemas Yānomam*, Claudia Andujar e Pietro Maria Bardi — orgs., Olivetti do Brasil, São Paulo, 1978**

*Mitopoemas Yānomam* reúne desenhos de Koromani Waika, Mamokë Rorowë e Kretipë Waka tha u thëri coletados por Claudia Andujar na década de 1970 em diálogo com diversos artistas Yanomami. Embora não apresente desenhos de Taniki, é a primeira publicação que reúne desenhos acerca do tema.

**9. *Claudia Andujar: a luta yanomami*, Thyago Nogueira — org., catálogo de exposição, Instituto Moreira Salles — IMS, São Paulo, 2018**

Página da direita: retrato de Celina Korihana thëri com colar de miçangas e enfeite labial. Os rituais a partir da morte de Celina são o motivo que gerou boa parte dos desenhos feitos por Taniki em 1977. Fotografias de Claudia Andujar, às margens do rio Catrimani, no Território Indígena Yanomami, em Roraima, 1972.

**10. *Claudia Andujar: a luta yanomami*,  
Thyago Nogueira — org., catálogo de  
exposição, Instituto Moreira Salles — IMS,  
São Paulo, 2018**

Retratos de André Taniki Yanomami feitos por Claudia Andujar no rio Jundiá, em Roraima, 1974.

**11. *Yanomami, Claudia Andujar, DBA*,  
São Paulo, 2018**

A preparação de beijus de mandioca, à esquerda, e do mingau ceremonial de banana, à direita, pelos Yanomami a serem consumidos nas festas funerárias — *reahu*. Fotografias de Claudia Andujar, às margens do rio Catrimani, no Território Indígena Yanomami, em Roraima, 1974.

**12. Anotações feitas por Claudia Andujar e Carlo Zacquini sobre as apresentações de André Taniki Yanomami no verso de um de seus desenhos, fac-símile, 1976**

Coleção Claudia Andujar, São Paulo

## 13. Carlo Zacquini

### **André Taniki Yanomami desenhando na aldeia de Hewë nahipi, 1976**

Impressão sobre papel

Centro de documentação indígena, Instituto  
Missões Consolata, Boa Vista

### **14. André Taniki Yanomami, Adriano Pedrosa e Mateus Nunes — orgs., catálogo da exposição, MASP, São Paulo, 2025**

No contexto da exposição *Histoires de voir*, 2012, na Fondation Cartier, em Paris, a instituição adquiriu 18 obras de Taniki da coleção de Bruce Albert. Parte do dinheiro foi revertida para a compra de uma canoa de alumínio e de outros materiais, a pedido de Taniki, enviados por Albert

por meio da Missão Catrimani. Taniki produziu, então, este pequeno desenho em folha de caderno presenteado a Albert.

**15. *Arte em São Paulo*, n. 5, São Paulo,  
março, 1982**

Primeira publicação de um desenho de André Taniki Yanomami — imagem inferior. Na mesma página, há um desenho de Cláudio Yanomami — imagem superior.

**16. *Histoires de voir*, Hervé Chandès —  
org., catálogo de exposição, Fondation  
Cartier pour l'art contemporain, Paris, 2012**

**17. *Histórias mestiças*, Adriano Pedrosa e Lilia Moritz Schwartz — orgs., catálogo da exposição, Instituto Tomie Ohtake/Cobogó, São Paulo/Rio de Janeiro, 2015**

Na capa, desenhos de André Taniki Yanomami sobre aquarelas de Joaquim José de Miranda e fotografias de Claudia Andujar.

**18. *O espírito da floresta*, Bruce Albert e Davi Kopenawa, Companhia das Letras, São Paulo, 2023**

**19. *Claudia Andujar: a luta yanomami*, Thyago Nogueira — org., catálogo de exposição, Instituto Moreira Salles — IMS, São Paulo, 2018**

**20. *As formas do visível: uma antropologia da figuração*, Philippe Descola, Editora 34, São Paulo, 2023**

**21. *Les Citoyens: uno sguardo di Guillermo Kuitca sulla collezione della Fondation Cartier pour l'art contemporain*, Guillermo Kuitca — org., catálogo da exposição, Fondation Cartier pour l'art contemporain/ Triennale Milano, Paris/ Milão, 2021**

**22. *Histórias indígenas*, Adriano Pedrosa e Guilherme Giufrida — orgs., catálogo da exposição, MASP, São Paulo, 2023**

**23. Biennale Arte 2024: Stranieri Ovunque / Foreigners Everywhere. Catalogo della 60 Esposizione Internazionale d'Arte / Catalogue of the 60th International Art Exhibition, Adriano Pedrosa — org., catálogo da exposição, Silvana Editoriale, Milão, 2024**

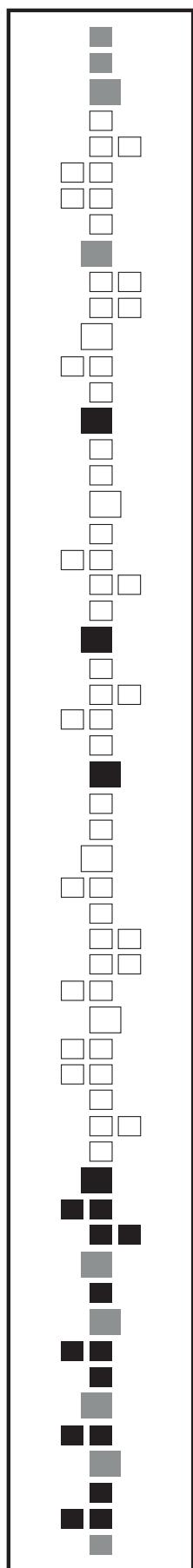
**24. André Taniki Yanomami, Adriano Pedrosa e Mateus Nunes — orgs., catálogo da exposição, MASP, São Paulo, 2025**

## Texto de Núcleo: Vibrações xamânicas

Nos desenhos desta parede, Taniki explora outros materiais, como o pastel oleoso e canetas hidrográficas de cores variadas. Diferentemente dos expostos na outra parede, em que o artista pretendia um tom explicativo a pedido de Andujar, estes desenhos apresentam menos compromisso narrativo e figurativo, já que o antropólogo Bruce Albert não dava nenhuma orientação nas trocas que geraram essas obras.

O resultado são experimentações abstratas que sugerem o dinamismo dos movimentos de descida e das danças dos espíritos vistos pelos xamãs, bem como a excitação sensorial causada pelo consumo de substâncias psicoativas nos rituais xamânicos.

# Mapa da Parede B



# André Taniki Yanomami

## **Cinza. *Sem título*, 1978**

Pastel e tinta de caneta hidrográfica sobre papel

Coleção Bruce Albert, Montevidéu

## **Preto. *Sem título*, 1978**

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel

Coleção Bruce Albert, Montevidéu

## **Branco. *Sem título*, 1978**

Pastel sobre papel

Coleção Bruce Albert, Montevidéu